



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
NÍVEL: MESTRADO PROFISSIONAL

WALDINETT NASCIMENTO TORRES PENA

**A RESSIGNIFICAÇÃO DOS SABERES LINGUÍSTICOS VIA VÍDEOS
EDUCATIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de mestre em Ensino da Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.

Área de Concentração: Práticas Pedagógicas: interfaces entre o ensino de Língua Portuguesa e suas literaturas.

Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos: Saberes e Práticas.

Orientadora. Prof.^a Dr.^a Elisa Maria Pinheiro de Souza.

BELÉM – PARÁ

2022

Aos alunos, motivo da minha existência como professor.

AGRADECIMENTO

A Deus, aos meus pais, à minha descendência e à minha orientadora Dra. Elisa Pinheiro.

“Cem vezes todos os dias lembro a mim mesmo que minha vida interior e exterior, depende dos trabalhos de outros homens, vivos ou mortos, e que devo esforçar-me a fim de devolver na mesma medida que recebi.”

(Albert Einstein)

SUMÁRIO

<u>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</u>	2
<u>2 ARCABOUÇO METODOLÓGICO</u>	7
<u>3 POSTULADOS TEÓRICOS</u>	8
<u>3.1 OS SABERES LINGÜÍSTICOS E SUAS NUANCES</u>	9
<u>3.2 RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA</u>	12
<u>3.2 INTERFACES DOS RECURSOS MIDIÁTICOS E SEUS REFLEXOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM</u>	15
<u>4 O PRODUTO EDUCACIONAL</u>	16
<u>4.1. OBSERVAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR</u>	16
<u>4.2. PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DO PRODUTO</u>	18
<u>4.3. APLICAÇÃO DO PRODUTO</u>	21
<u>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	23
<u>6 REFERÊNCIAS</u>	24

RESUMO

PENA, WALDINETT NASCIMENTO TORRES. A Ressignificação dos saberes linguísticos via vídeos educativos. **2022.** Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas – nível Mestrado Profissional- Universidade do Estado do Pará, Belém/Pará, 2022.

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou a construção de um produto educacional, consolidado em vídeos educativos, com foco na ressignificação dos saberes linguísticos no contexto educativo. O norteamento dessa pesquisa girou em torno da preocupação de como a utilização de recursos midiáticos, no caso os vídeos, como meios facilitadores da aprendizagem poderiam contribuir para o aprimoramento da competência dos alunos tendo em vista a pré-disposição do sujeito atual a essas ferramentas. A pesquisa exploratória e descritiva, de natureza aplicada, com abordagem quanti-qualitativa, foi subsidiada pelos princípios teóricos de autores como: Maria Helena de Moura Neves (2008), Irandé Antunes (2007), Dillinger (1991), Coutinho (2011), Travaglia (2005), Faraco (2008), Matos e Silva (2005), entre outros. O produto elaborado foi planejado, construído e aplicado com vistas à validação como uma nova abordagem para o ensino de língua, que induza um reavaliar de visões acerca dele, com um olhar focado na obtenção de resultados produtivos no processo de aprendizagem. Após a coleta dos dados, a construção e aplicação do produto e validação da questão norteadora foi possível observar a importância de um ensino de língua ligado às habilidades e competências inerentes ao sujeito do hoje, sendo esse nativo digital.

Palavras-Chaves: Ressignificar. Aprendizagem. Recursos Midiáticos.

ABSTRACT

PENA, WALDINETT NASCIMENTO TORRES. The redefinition of linguistic knowledge through educational videos. **2022.** Work Completion of the Postgraduate Course in Portuguese Language Teaching and its respective literature - Professional Master's level – the University of the State of Pará, Belém/Pará, 2022.

This work presents the results of research that aimed to build an educational product, consolidated in educational videos, with a focus on the redefinition of linguistic knowledge in the educational context. In this case, videos, as learning facilitators, could contribute to the improvement of students' competence in view of the current subject's pre-disposition to these tools. The exploratory and descriptive research, of an applied nature, with a quantitative and qualitative approach, was subsidized by the theoretical principles of authors such as Maria Helena de Moura Neves (2008), Irandé Antunes (2007), Dillinger (1991), Coutinho (2011), Travaglia (2005), Faraco (2008), Matos e Silva (2005), among others. The elaborate product was planned, built and applied with a view to validation as a new approach to language teaching, which induces a reassessment of views about it, with a focus on obtaining productive results in the learning process. After data collection, construction, and application of the product and validation of the guiding question, it was possible to observe the importance of language teaching linked to the skills and competencies inherent to today's subject, being a digital native.

Keywords: Reframing. Learning. Media Resources.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino de Língua Portuguesa é muito importante para todos, afinal, as habilidades como a leitura, argumentação e compreensão de textos, permeiam os saberes específicos de cada área do conhecimento humano e são adquiridas no âmbito do ensino formal da linguagem. Mas, resultados de estudos teóricos e pesquisas desenvolvidas estão pautados na improdutividade do ensino da Língua Portuguesa, indicando a existência de problemas complexos envolvendo tal ensino, em específicos, no âmbito dos aspectos metodológicos e linguísticos. Por esses resultados são indicadas: a insegurança dos alunos no ato da comunicação, as dificuldades apresentadas na produção e compreensão de textos em todos os níveis escolares, a aceção de que o ensino ainda é equivalente a teoria gramatical.

Com esse contexto situacional, estudiosos são impelidos a realizar estudos e pesquisas em busca de caminhos que possam contribuir para um efetivo desenvolvimento desse ensino. Assim, o foco de tais profissionais é direcionado para as ciências linguísticas, as quais têm, por objeto de estudo, a investigação da língua no âmbito do entendimento dos usos e contextos, ultrapassando os limites da normatividade.

Tal situação suscitou o interesse em efetivar o desenvolvimento de uma pesquisa com tal teor, pensado e feito, tanto que este artigo apresenta os resultados dela. A pesquisa explorou o tema centrado no processo ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, tendo em vista, a necessidade em desconstruir a ideia de um ensino de língua fragmentado, desenvolvido nos espaços escolares, na atualidade e assumir uma postura mais pragmática e funcionalista desse ensino. A problemática que contorna os saberes linguísticos condiciona à preocupação em limitar a língua em seu viés normativo, assim, partindo desse princípio, há a urgência em ampliar o ensino da língua a vertentes que não sejam somente a metalinguística, ou seja, ver os estudos da Língua Portuguesa com outro olhar em todos os seus vieses, Gramática, Fenômenos Linguísticos, Literatura, Leitura e Produção textual, ressignificando, assim, os saberes linguísticos.

A iniciativa da pesquisa decorreu da necessidade de ampliar o ensino de língua para além do convencionalismo, uma vez que a sala de aula está, cada vez mais, imersa no universo tecnológico. Em vista da problemática apresentada, ainda que o contexto de ensino seja um espaço favorável ao aprendizado e disponha dos recursos e ferramentas necessárias para um trabalho dinâmico, com o uso das novas

tecnologias digitais, as dificuldades referentes à recepção dos alunos quanto ao estudo da língua portuguesa são evidentes, haja vista uma série de implicações para que esse ensino permaneça ancorado na concepção e utilização reduzidas do livro didático. Essas implicações são originadas tanto no ambiente escolar, por meio da exigência do uso de materiais didáticos como o livro e o quadro, quanto pelos pais que ainda acreditam na ínfima ideia da gramática ser o estudo mais “completo” acerca da língua, uma vez que essa proporcionará o aprendizado da escrita, conforme muitos acreditam.

As discussões a respeito do ensino/aprendizagem de língua portuguesa tem sido, amiúde, estímulo para o interesse de muitos profissionais da educação, que já estão, há algum tempo, no campo dos estudos aplicados da linguagem. As diversas investigações que se voltam para tal assunto, indicam, quase sempre, questões específicas, tais como, o que ensinar nas aulas de Língua Portuguesa, se não regras gramaticais, estudo de texto para leitura, interpretações e pretexto para o ensino das regras gramaticais e como o professor pode adequar suas aulas à tamanha diversidade linguística presente e atual, como o uso dos aparatos tecnológicos tão ao gosto dos educandos desses novos tempos.

Antunes (2003, p. 89), no referente ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa, enuncia que “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua”, propondo que as aulas de Língua Portuguesa sejam aulas nas quais os alunos falem, ouçam, leiam e escrevam textos em português. Essa concepção aliada às tecnologias e ao contexto vivenciado no período pandêmico, obrigou os docentes à reinvenção de si, enquanto profissionais, e de suas aulas, deixando ao educando o papel de protagonista em sala de aula. A cerca disso, TORRES (2021, p. 124-125) diz: “Hoje, professor é o mediador do processo e o aluno assume postura bastante ativa, focalizando pontos distintos, de forma presencial ou não e fazendo uso de diversos tipos de tecnologia.”

Diante do contexto situacional, surgiu o seguinte questionamento: *De que forma os vídeos educativos, como instrumentos de apoio ao ensino da língua portuguesa, podem contribuir para o aprimoramento da competência linguística dos alunos?* Nesse sentido, foi pensada a construção dos vídeos, justamente, como uma ferramenta didática com o propósito de romper com a rotina monótona de um ensino convencional e aproveitar habilidades as quais os alunos já dominam, neste caso, as tecnológicas.

O objeto deste estudo foi ancorado no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental e o objetivo dele incidu na construção de um produto educacional, consolidado na geração de vídeos educativos como ferramentas de ressignificação dos saberes linguísticos. Para a elaboração do produto, a pesquisa abrangeu as fases de revisão do referencial teórico, observação do contexto escolar, planejamento, constituição, aplicação, validação do produto construído e apresentado como uma nova abordagem para o ensino de língua, com a reavaliação de visões acerca desse, com o intuito de obter resultados produtivos no processo de ensino e aprendizagem que possam fazer diferença significativa para o conhecimento humano, promovendo ações que possibilitem ensinar e aprender o idioma pátrio sem que os saberes linguísticos sejam fragmentados, ressignificando, assim, esses saberes.

A ressignificação é um elemento importante no processo criativo, em que a habilidade de atribuir novas importâncias a um evento comum se torna útil e propicia prazer às pessoas. Para a comunicação, por exemplo, ressignificar tem diversos significados que dependem do contexto no qual se manifesta. A exemplo disso, a partir da ressignificação cultural, pode-se atribuir novas interpretações a um texto, letra de músicas, discursos etc. Ressignificar é uma ação para além do sentido, é um ato político, segundo Marie-Anne-Paveau *et al*, (2022, p.25), “a ressignificação é apresentada como um processo tanto linguístico e discursivo quanto político”.

Desse modo, ressignificar é um verbo indispensável no cenário educativo, uma vez que remonta novos ares no ensino e aprendizagem embora, no Brasil, no que tange à aprendizagem da Língua Portuguesa, tem-se observado, até então, que, apesar da sua importância e multiaspectos, as aulas ainda são conduzidas quase somente por meio da gramática tradicional, sendo isso responsável por grande parte do insucesso dos alunos na aprendizagem da língua materna e da falta de segurança na comunicação.

Aprendizagem é uma atividade de modificação comportamental alcançada por meio de experimentações estruturadas a partir de fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da relação entre estruturas mentais e o meio ambiente. De conformidade com as recentes teorias relativas à educação, centradas na aprendizagem, o professor é coautor do processo de aprendizagem dos alunos que passam a autores, construindo e reconstruindo conhecimento continuamente.

À medida que a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem no âmbito escolar, prevalece a ressignificação dos sujeitos, assim, surgem novas formas de comunicação e a construção de novas habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas. Por trás do cenário da aprendizagem há a participação e a mediação do professor nesse novo ambiente de aprendizagem, remodelando os papéis dos atores e coautores do processo, dirimindo incertezas e criando formas de interatividade mediadas e facilitadas pela orientação e condução do docente no caminho a seguir.

O universo midiático tem muitos meios de atuação em sua proposta de transmitir informação, usando diversos tipos de linguagem, como exemplo de recursos midiáticos, encontram-se o rádio, os jornais, a internet, os vídeos, dentre outros, que funcionam como veículos de informação e conhecimento. As mídias estão encadeadas e, assim se complementam, respeitando as particularidades de cada uma, resultando em uma linguagem e um objetivo para cada mídia na ação de disseminar informações. Pode-se dizer que as tecnologias de informação e comunicação têm propiciado grande integração e socialização entre as pessoas embora também contribua para alienação de muitas delas. É um processo que tem causado impacto e mudanças, de modo geral, nas práticas sociais e na educação.

Nos aspectos positivos, compreende-se que as mídias têm o poder de atuar significativamente no cotidiano social e cultural do indivíduo, transformando conhecimento, oferecendo-lhe novas oportunidades de aprendizagens, transformando-lhe a vida. O processo midiático, que é expresso também como cultural, social e educativo, tem se mostrado importante e essencial nas escolas, principalmente, para os sujeitos em formação e que já se encontram em um sistema midiático oferecido pela globalização. Nesse contexto, o uso das mídias na educação oportuniza aos docentes a utilização de práticas pedagógicas inovadoras, permitindo que a criatividade seja uma forte aliada nesse processo de interatividade.

A aprendizagem deve acompanhar os avanços contemporâneos, visto que, segundo Moran (2000), o sujeito faz dessa ferramenta o seu “fio condutor”. A partir dessa perspectiva, os recursos midiáticos são inseridos no contexto educacional a fim de atender aos princípios científicos e tecnológicos como assegurados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para que se configure um ensino efetivo com base na ressignificação.

Nesse sentido, é necessário compreender o aporte teórico que subsidiou o estudo, o qual foi fundamental para o seu desenvolvimento. Assim, a pesquisa foi subsidiada por teóricos que intensificam a discussão acerca do ensino da língua, tais como: Neves (2008), linguista que direciona seus estudos à língua em uso, em especial no campo da gramática funcional do português. Antunes (2007), professora e pesquisadora voltada para o estudo e discussão de um ensino de língua contextualizado. Dillinger (1991), Coutinho (2011), Traváglia (2005), autores engendrados nas discussões sobre linguística textual e produção de texto, Faraco (2008), Mattos e Silva (2005), em seus estudos buscam desconstruir conceitos estigmatizados no que diz respeito ao ensino de língua, tanto que, para o primeiro, nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea, salientando que toda língua é composta por um conjunto de variedades, ou seja, não existe uma língua acima do conjunto de variedades e nem a separação de língua para um lado e variedades para outro, para Mattos e Silva (2005), a Linguística ao considerar, a partir do século XX, as variantes linguísticas como válidas tanto quanto a norma padrão, abre espaço para o que denomina como paradoxo, isto é, a unificação da língua em um ambiente totalmente heterogêneo.

Em face disso, a inserção de forma acentuada das novas tecnologias no ambiente escolar torna-se um caminho plausível para um formato de ensino mais contemporâneo e pragmático, tanto que, questões semelhantes têm instigado os docentes a entender novas propostas e dispor de novas metodologias

O artigo irá dispor da seguinte estruturação: além das considerações iniciais, considerações finais e referências; apresenta três seções: a primeira traz a sustentação dos procedimentos metodológicos da pesquisa; a segunda evidencia os pressupostos teóricos por meios de três subseções: os saberes linguísticos e suas nuances; a resignificação no ensino de língua portuguesa e as interfaces dos recursos midiáticos e seus reflexos no ensino aprendizagem; a seção três volta-se para a construção do produto, subdividida em três subseções, que abrangem a observação da realidade escolar: a construção, aplicação e validação do produto. Espera-se que este trabalho possa contribuir com futuras pesquisas que abordem, como ele, a resignificação dos saberes linguísticos, voltados ao ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

2 ARCABOUÇO METODOLÓGICO

O *lôcus* da pesquisa foi o Colégio Santa Madre, localizado na Rodovia Augusto Montenegro, nº122, Belém – PA. Essa instituição objetiva contribuir com a formação educacional de seus alunos, de forma mais humanizada na convivência diária, na relação do homem com seus pares, com a sociedade e com o mundo; sua filosofia reside nas ações de sustentabilidade, trabalhabilidade e empreendedorismo, seja no sentido ambiental, mercadológico ou no sentido das relações humanas e integra, em sua proposta pedagógica, projetos de valorização à família, de incentivo à leitura, dos projetos culturais, além de promover Plantões Pedagógicos bimestrais com os pais e alunos, e com parceiros no desenvolvimento como empresas, universidades e profissionais de diversas áreas. É válido ressaltar que, em decorrência do cenário pandêmico, a unidade escolar que já dispunha de recursos tecnológicos ofertou o Ensino Híbrido para a configuração de um ensino que atendesse às demandas daquele momento.

Oferece serviços educacionais, da Educação Infantil ao Ensino Médio, com uma estrutura organizacional composta de uma presidência, gestão administrativa, direção administrativa e a pedagógica, auxiliar administrativo, coordenações de Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e II Ensino Médio, serviços de Orientação Educacional, Assistência Social e Setor Psicológico, Biblioteca, além de departamentos de pessoal, financeiro, jurídico, departamento comercial, secretaria, recepção, assessoria de comunicação, tecnologia de informação e reprografia.

A infraestrutura é disposta por área de convivência, auditório, biblioteca, sala de dança, lanchonete, loja da escola, sala do “mestre cuquinha”, minicidade, piscina, quadra de esportes, sala de judô, sala multifuncional, mais de 30 salas de aula, secretaria, *Society*, brinquedoteca, sala *Google*, laboratório de matemática e laboratório de ciências e salas administrativas e, para a segurança do espaço, conta com um sistema de circuito interno de câmeras ao vivo.

É válido considerar que, em decorrência do atual cenário pandêmico, a escolha do *locus* ocorreu em virtude de ser uma escola que dispõe de aparatos tecnológicos diversos para a prática docente; embora ainda seja desenvolvido o ensino de Língua Portuguesa, doravante LP, de modo fragmentado, tendo professores específicos para as disciplinas Gramática, Literatura e Redação que reclamam para si, os assuntos relativos à disciplina que ministram e são apoiados pela coordenação

em suas demandas. No entanto, a docente responsável pelo 6º ano mostrou-se receptiva ao projeto, por já trabalhar na mesma linha, embora de maneira limitada.

A pesquisa foi de natureza aplicada, haja vista, seus resultados terem sido dirigidos à solução das dificuldades existentes no desenvolvimento do ensino de LP. Em razão das dificuldades apontadas pelos sujeitos, é que esta pesquisa pode ser considerada como uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa que denota a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos.

Os principais colaboradores da pesquisa foram os 38 alunos de uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, com um equilíbrio quantitativo entre meninos e meninas. Em decorrência do surto pandêmico da COVID-19, a turma foi dividida em dois grupos: um que participava das aulas presenciais e outro cujos integrantes optaram pelas aulas *on-line*. O desenvolvimento das aulas acontecia, de forma simultânea, formalizando, assim, o ensino híbrido. Vale ressaltar que os integrantes dessa turma vivenciam uma fase de transição, se for considerado o processo de adaptação de cada aluno quanto às mudanças ofertadas, no tocante a um maior número de professores, disciplinas, carga horária etc.

Os procedimentos utilizados para a coleta de dados foi a realização de observação, tarefas pós aulas sobre conteúdos de LP, aplicação de questionário que foi disponibilizado na plataforma *Google Forms* e os resultados obtidos a partir desse instrumento foram de grande valia para sustentar as observações realizadas, no sentido de compatibilizar o observado nas salas de aulas e as respostas dadas pelos alunos. Os dados obtidos foram do tipo declarados, aqueles obtidos via as respostas dadas às perguntas do questionário.

Espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para a eficiência das aulas de LP, a partir dos vídeos educativos preparados com base na proposta de ressignificação dos saberes linguísticos tais como ler, compreender, interpretar textos orais e/ou escritos; que educadores e educandos possam ser beneficiados no processo ensino/aprendizagem e que passem a enxergar os estudos de LP de forma mais prazerosa.

3 POSTULADOS TEÓRICOS

3.1 OS SABERES LINGUÍSTICOS E SUAS NUANCES FUNCIONALISTAS E FORMALISTAS

As linhas de pesquisas funcionalistas estão, cada vez mais, emergindo no seio dos estudos linguísticos como um possível caminho para a análise satisfatória da língua no espaço escolar, haja vista que, ao entenderem a língua como um

instrumento de interação social, os estudiosos dessa linha propõem uma reflexão sobre o que seria essencial a esse estudo para tornar seu ensino efetivo. A língua e sua gramática não podem ser analisadas como objeto autônomo, mas sim como uma estrutura flexível e mutável, também moldada pelas e a partir das intenções do falante, ou seja, os funcionalistas consideram tanto a função assumida pelo elemento linguístico, quanto à forma deste elemento, caracterizando, assim, a língua como um sistema funcional composto por aspectos sistemáticos e funcionais.

A temática proposta é pautada pela necessidade em demonstrar que a ressignificação dos saberes linguísticos, por meio de vídeos educativos, é válida para o aprimoramento do ensino e aprendizagem, segundo resultados de pesquisas circulantes no meio educacional (cf. quem?? autores e anos) . Em tais resultados, a utilização de recursos midiáticos, como ferramentas de apoio à práxis pedagógica, é vista como promotora do acesso a plataformas digitais educativas, as quais conduzem o aluno no caminho do vivenciar de um ensino caracterizado por uma perspectiva mais funcionalista da língua, tendo em vista a ocorrência de uma interatividade maior entre educador e educando e, conseqüentemente, o compartilhamento da construção do conhecimento.

Sabe-se que a linguística não é um método de ensino e que o objetivo de um linguista é garantir as técnicas de investigação, sendo papel do professor buscar os meios mais viáveis de aplicação dessas técnicas.

As teorias linguísticas, que defendem não apenas os aspectos internos, mas, principalmente, buscam demonstrar como os fatores externos são determinantes para o esclarecimento dos múltiplos fenômenos que ocorrem na língua; suas análises baseadas em uma visão holística, enunciam que não há mais um estudo preocupado somente em fragmentar a língua em partes isoladas, e sim de montar uma espécie de “quebra cabeça”, a partir do qual, com o entendimento das partes, chega-se a um todo. A preocupação, agora, é esclarecer que só o todo explica as partes.

Somente quando a sociedade compreender que a língua não se restringe a um aglomerado de regras, sendo explicado em frases soltas, arrebatando o crédito de suprir as necessidades do falante, mas sim um sistema político-ideológico que “rege” uma dada comunidade, é que o ensino de língua poderá se tornar inquestionável.

São inúmeros os saberes linguísticos que permeiam a prática docente do ensino de língua portuguesa, abrangem conhecimentos sobre língua e linguagem, estrutura e funcionamento da língua, sociolinguística; a escrita alfabética ortográfica do português brasileiro, entre vários outros, sendo indiscutível a necessidade dos

sujeitos de apreendê-los, em prol do desenvolvimento de habilidades e competências requeridas no aprendizado de sua língua. Em virtude disso, a perspectiva, seja ela formalista ou funcionalista, que sustente esse ensino, determina a maneira como a recepção da aprendizagem ocorre no contexto escolar.

O termo funcionalista é utilizado para se referir a um grupo de estudiosos que se preocupam em analisar a língua em seu uso real. Tal concepção foi desenvolvida a partir de 1930, principalmente, com os estudos da Escola Linguística de Praga. Para Martinet (1994), um dos linguistas mais notáveis do século XX, o termo funcionalismo “só tem sentido para os linguistas em referência ao papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de sua experiência uns aos outros” (MARTINET *apud* NEVES, 1997, p.5). Nessa concepção, o termo assume seu sentido principal para essa corrente, ou seja, seu vínculo com a função da língua no processo de interação do indivíduo na sociedade.

Para melhor esclarecimento, é importante discorrer, também, pela abordagem formalista. O formalismo, de acordo com Dillinger (1991), é o estudo das formas linguísticas em que a língua é um produto imutável, um conjunto de regras estagnadas em si mesmas. Ao se prender somente na forma, isto é, nas estruturas internas que constituem o sistema linguístico, a corrente formalista deixa à margem a funcionalidade dos vários fenômenos que ocorrem na língua, o que não significa que suas teorias sejam inválidas e dispensáveis. A principal confusão que gira em torno dessa vertente incide no fato de que os estudos recentes acerca da língua ficam mais evidentes em que o formalismo sozinho não explica todos os fenômenos linguísticos.

No livro “A língua de Eulália”, do sociolinguista e filólogo Marcos Bagno, é possível observar, por meio das explicações a respeito dos fenômenos ocorridos na fala de uma das personagens, que o autor encontra no processo evolutivo da língua, as respostas para o que muitos consideram como “erro”. No capítulo denominado “Do latim vulgar ao português não padrão”, Bagno explica sobre a rotacização¹ do “L” nos encontros consonantais, como no caso de *pranta* e *planta*. A questão, aqui, não é aprofundar o que é discutido no livro, mas sim destacar o fato de que o autor, mesmo tratando a situação como uma problemática social, não desconsiderou os aspectos formalistas que participam diretamente do processo.

Considerando essas questões, é válido ressaltar que a noção de “certo” e “errado” não pode ser ignorada do contexto educacional, pois pautar o ensino de

¹ Segundo Bortoni-Ricardo (2004), rotacismo é uma dislalia fonética que consiste na troca de um som (fala) pelo som do [r].

língua somente em aspectos normativos, induz o aluno a acreditar que tudo é “erro”. Isto sim, é o que realmente precisa ser ressignificado.

Compreender a evidência contida nessas teorias (Formalismo e Funcionalismo) é um caminho apazível para que professores de línguas possam tornar-se cientes do sucesso ou não de suas metodologias. É importante salientar que o fato de o profissional ser bem-sucedido ou não em sua função, não está relacionado à escolha dessa (formalismo) ou daquela (funcionalismo) teoria, mas em demonstrar como o equilíbrio entre ambas, no ensino de língua, pode aperfeiçoar a competência linguística.

As escolas, em suas maiorias, ainda não se desprenderam do ensino doutrinário da gramática, a hegemonia secular desta que impera nas aulas de português, devido ao longo tempo que as teorias formalistas predominaram e predominam quando se trata de “entender” a língua. Acreditar, ainda, que a língua só se torna acessível quando se compreende sua forma, ou seja, os elementos linguísticos que a organizam (fonética, morfologia, sintaxe etc.), é acreditar que a língua é um sistema uniforme e insuficiente. Entretanto, se não houvesse o surgimento de tal vertente (formalismo) a insuficiência no que rege os estudos linguísticos tenderia a persistir. A corrente formalista apresenta, como objeto de seus estudos, as análises de regras gramaticais, indispensáveis para o aprendizado de uma determinada língua, como afirma Antunes (2007):

Nesse sentido, vale a pena lembrar que as regras de gramática não existem apenas para regular o uso culto da língua, como, por vezes, pensam alguns. Todos os usos da língua são submetidos à aplicação de regras. A própria natureza das línguas, que faz delas meios da inter-relação social e marca da identidade cultural dos grupos, leva a esse cuidado, para que a língua mantenha seus padrões e não perca a cara que tem (ANTUNES, 2007, p. 71-72).

Dessa maneira, o que se faz necessário entender é que, o que torna produtivo ou não o ensino de tais regras é a maneira como estas serão apresentadas a cada falante. Dessa forma, o equívoco em pensar que as teorias formalistas devem ser ignoradas precisa ser rompido, uma vez que sem os estudos estruturalistas de Saussure e as inúmeras contribuições de autores formalistas que seguiram esses estudos preenchendo lacunas da língua, continuaria sendo um “mistério”.

Sendo assim, compreender os conceitos que tangenciam o campo da Gramática faz-se necessário para que o profissional de língua saiba em qual concepção irá se apoiar. Acreditar, ainda, que uma única gramática suporta todos os fenômenos linguísticos é restringir-se à ideia secular do monolinguismo. Logo, saber

o que de fato é gramática e o porquê de sua necessidade para o ensino de língua é o primeiro passo para desconstruir argumentos inconsistentes que distorcem e complicam o aprimoramento daquilo que já é inato ao ser humano, ou seja, a competência linguística.

3.2 RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: recursos midiáticos

Pautado em uma espécie de “manual de instrução”, o ensino de língua portuguesa tem, cada vez mais, deixado lacunas no processo de ensino e aprendizagem. A teoria acerca da gramática induz o professor a acreditar que as regras e suas inúmeras exceções são, por si só, o único meio de se dominar a língua. Os discursos tão “bem” aceitos dos chamados gramáticos puristas inundam o meio escolar com a ideia mais do que internalizada, de que só se ganha prestígio social alcançando uma retórica, no sentido apresentado pela filosofia, que lhe garanta um reconhecimento popular. Para que o ensino de língua não se sustente, somente, em abordagens gramaticais que moldem o falar e o escrever do indivíduo, como um arquiteto molda as suas ideias, surgem novas teorias de ressignificação desse ensino que despertam a sensibilidade daquilo que realmente é significativo e profícuo para a vida do aluno.

Debruçar-se nos estudos voltados aos fenômenos linguísticos requer cautela e precisão, no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa. A prioridade depositada à norma padrão, que objetiva uma uniformidade linguística, segundo Antunes (2007), está em intensa discussão no âmbito acadêmico. Para tanto, as novas perspectivas da língua lançam propostas que colocam em evidência a heterogeneidade, um fator determinante a ser apresentado em teorias como as funcionalistas, que buscam desconstruir o paradigma que sustenta uma visão homogênea.

As atuais vertentes linguísticas estão pautadas em um estudo de língua que visa ao seu uso de acordo com os contextos comunicativos, ou seja, consideram a variação linguística como um aspecto inerente à língua, processo que demonstra as limitações de algumas teorias, ao defenderem uma única norma. Diante do cenário hierárquico em que ainda se encontra o ensino de língua portuguesa, alguns linguistas puseram em debate a necessidade de reafirmar a ideia de ressignificação nas propostas do ensino de língua portuguesa, especialmente, quando o assunto é a gramática, muitas vezes tão mal compreendida pelos falantes, porém indispensável à língua. Assim diz Antunes, “... até porque a gramática nunca pode ser retirada da

língua. Nem cedo nem tarde. Nem pouco nem muito. Ela está na língua. Ela é parte da língua.” (ANTUNES, 2007, p.80).

O assunto em questão é retratado por autores como: Neves (2008), Antunes (2007), Faraco (2008), Mattos e Silva (2005) entre outros que buscam desconstruir conceitos estigmatizados no que diz respeito ao ensino de língua. Para Mattos e Silva (2005), a Linguística, ao considerar, a partir do século XX, as variantes linguísticas como válidas tanto quanto a norma padrão, abre espaço para o que denomina como paradoxo, isto é, a unificação da língua em um ambiente totalmente heterogêneo. Sob um viés político-ideológico, a autora apresenta a discrepância entre a língua que se ensina e a que se fala, confirmando que o problema é muito mais social que propriamente linguístico.

Vê-se também que a questão que se coloca no Brasil atual, quando se volta para o ensino da língua portuguesa, pode ser formulada com simplicidade, apesar do problema pedagógico e social que recobre: como a escola pode pretender veicular a norma padrão tradicional, que ainda se encontra, pelo menos parcialmente, na escrita e na fala formal das camadas cultas e superiores economicamente da sociedade e veiculada nas gramáticas prescritivo-pedagógicas, se chegam à escola massas falantes, portadoras de variantes dialetais correntes e dominantes – em termos aritméticos, não sociopolíticos, é claro – e que, para atender a essa população escolar, os professores que assumem a tarefa de literatizar o país, hoje, na sua grande maioria, provém dessas mesmas camadas sociais? (MATTOS & SILVA, 2005, p.79).

Questões como essa têm instigado os docentes a entender novas propostas e dispor de novas metodologias. Diante de tais fatores, a inserção de forma acentuada das novas tecnologias no ambiente escolar torna-se um caminho plausível para um formato de ensino mais contemporâneo e pragmático. Para Souza e Pena (2020, p.165), “essa diversidade virtual atinge os dois principais protagonistas do processo educativo, ou seja, o professor e o aluno, os quais no confronto dos novos tempos assumem novos perfis e posturas”. Nesse sentido, o ensino de língua frente à demanda de professores inclinados à manipulação dos aparatos tecnológicos, reconfigura discussões antes pautadas somente na metalinguagem. Como afirmam Souza e Pena (2020):

A sociedade do mundo contemporâneo está marcada pela presença generalizada dos meios eletrônicos o que resulta nas mudanças em todos os setores inerentes ao meio social, inclusive no contexto educacional. Dessa forma, é perceptível o surgimento frequente da aplicação de novas tecnologias, proporcionando uma nova roupagem para processos, técnicas e metodologia ou motivando a construção de outros. Esse panorama, quer se descortine de forma consciente quer intuitiva, evidencia, para o professor, a

necessidade de refletir sobre sua práxis docente e, para o discente, de buscar meios que possam consolidar a qualidade em sua formação, por serem estes, os protagonistas do processo educativo (SOUZA; PENA, 2020, p.165).

As autoras refletem sobre a necessidade em ressignificar perfis tanto docentes, quanto discentes, para que o ensino atenda à realidade do uso da língua no contexto atual. Todavia, as escolas brasileiras sustentam, ainda, um ensino que prioriza uma formação ancorada em regras e padrões que “moldam” o indivíduo na sociedade e a língua não se isentaria desse processo, pois ao priorizar a gramática normativa desconsidera aspectos indispensáveis à linguagem. Tal fator levou os estudos sociolinguísticos a engendrarem no campo da ciência linguística uma nova perspectiva dos usos, isto é, não limitados, apenas, em prescrever e descrever regras que, desprendidas de um contexto tornavam-se questionáveis, quanto ao motivo de falantes natos terem de aprender a usar a própria língua.

O ensino que ainda se ancora na norma padrão tem sido comumente questionado dentro e fora do cenário escolar. No entanto, com o avanço de diversos estudos acerca da linguagem, (dentre os quais destaca-se a publicação do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, o que resultou no surgimento da Linguística Moderna), as críticas se consolidaram, motivando uma grande movimentação no campo científico em prol da reformulação das atividades propostas em sala, representando um avanço significativo no que concerne ao ensino de língua no Brasil.

As teorias que impulsionam a busca da ressignificação do ensino estão influenciando, de modo expressivo, os documentos que legitimam a prática do professor em sala, entre esses podem ser citado o documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), no qual são apresentadas concepções e ideias que objetivam orientar a prática do educador, bem como, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

Conceber a língua como ela realmente é, isto é, compreendê-la de forma holística é fazer com que as práticas linguísticas escolares correspondam, verdadeiramente, ao seu uso, não se restringindo a apenas uma concepção ou fragmentando-a, mas assumindo sua dimensão sociointeracionista para o indivíduo. O professor só entenderá a relevância desse novo olhar, à medida que o estudo da língua se voltar para a compreensão, interpretação, aplicação e produção de textos de forma integrada. A segmentação dessas práticas faz com que o aluno pense que elas não mantêm nenhuma relação, assim, as atividades que abordam, em sua temática, aspectos gramaticais, devem estar voltadas para a produção e interpretação

de textos, compreendendo-os como construções sociais e culturais, isto é, como realização imediata do pensamento e experiência de cada indivíduo.

Segundo Travaglia (2011), é possível “afirmar que a Gramática de uma língua é o conjunto de condições linguísticas para a significação”, ou seja, todo e qualquer recurso dos planos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático) e dos níveis (lexical, frasal, textual-discursivo) que o falante utiliza para a produção de textos em sua interação comunicativa. A partir dessa definição, é perceptível a relação intrínseca entre texto e Gramática, o que possibilita perceber que tudo o que é gramatical é textual e tudo o que é textual é gramatical, isto porque, a análise textual é pautada nos recursos que a língua dispõe para que o falante construa os sentidos que pretende alcançar em seus textos, tais recursos funcionam também como pistas e instruções para a sua interpretação.

O caminho para uma nova percepção daquilo que é tão significativo, não é, necessariamente, a abolição do estudo de classes gramaticais ou, pior ainda, a Gramática, mas sim reconhecer e considerar as necessidades dos alunos demonstradas nas aulas, e em diversas atividades, para assim levá-los a refletir sobre, para e pela língua. Portanto, nesta discussão foram apresentadas algumas concepções sobre as quais o educador deve refletir para então, corresponder ao objetivo geral de Língua Portuguesa que é o aprimoramento da competência comunicativa, em que o indivíduo expressa e interpreta os diversos discursos que refletem suas relações no âmbito social.

3.2 INTERFACES DOS RECURSOS MIDIÁTICOS E SEUS REFLEXOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM

Na primeira década do século XXI, as mídias digitais ingressaram com forte destaque nos sistemas educacionais. Segundo Paiva (2008):

A palavra mídia nasce no mundo greco-latino como *medium*, torna-se *massmedia* na acepção anglo-saxônica diante da expansão dos meios na era eletrônica e da produção da informação em série. Na imprensa, o vocábulo mídia, economicamente, tem substituído meios de comunicação, e se torna mais popular ao conferir evidência às ocorrências do dia a dia. Com efeito, o grande trunfo da mídia consiste em conceder visibilidade e dizibilidade aos indivíduos comuns e aos fatos cotidianos (PAIVA, 2008).

Nesse sentido, o cinema, a televisão, a música, o vídeo, a internet etc., tornam-se modalidades indispensáveis no cenário escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB estabelece no Artigo 36, parágrafo 1º, inciso I, que no referente a conteúdos e metodologia, o educando “demonstre no final do ensino médio o

domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna” (BRASIL, 1996).

É inquestionável o papel das novas tecnologias digitais no processo ensino aprendizagem, uma vez que os sujeitos contemporâneos já nascem pré-dispostos a esse universo tecnológico, até seria incongruente isentá-lo desses artifícios em seu processo de formação. Por esse motivo, o professor precisa adequar-se a esses novos modelos de ensino para atender, de forma efetiva, a necessidades dos alunos. De acordo com Pretto (2011) *apud* Souza e Pena (2020):

Os desafios não são pequenos. O mundo contemporâneo tem trazido surpresas e situações de tal complexidade que nos têm deixados perplexos, quase atordoados. Não temos mais possibilidade de analisar nenhuma área com abordagens simplificadas, meramente isolando-se variáveis, com o objetivo de se buscar elementos definidores de uma ou outra, separadamente. Mais do que nunca, hoje, pensar sobre a educação é, simultaneamente, pensar na ciência, tecnologia, na saúde e, principalmente, na cultura e, tudo isso, de maneira articulada (PRETTO, 2011 *apud* SOUZA; PENA, 2020, p.165-166).

Nessa perspectiva, torna-se ineficiente o fazer educacional sem o diálogo direto com as novas tecnologias. Dessa forma, o ambiente educacional convencional pode ser transportado para o não convencional, a fim de fomentar o interesse do nativo digital em explorar, pela criatividade e curiosidade, um universo versátil, diverso e multifuncional.

4 O PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional foi a concretização do objetivo da pesquisa realizada. Sua construção abrangeu as fases de observação da realidade escolar, o planejamento e construção do produto, a aplicação no contexto escolar do resultado da produção.

4.1. OBSERVAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

A observação é um meio eficaz de contribuir para que o discente possa ter um contato direto com a realidade escolar, como também, ser instigado a buscar meios de desenvolver um trabalho ímpar. Ela, como salientam Silva e Aragão (2012), é relevante no concernente à análise e compreensão das dificuldades encontradas em sala de aula.

A observação da realidade escolar foi realizada com o objetivo de acompanhar as atividades e práticas desenvolvidas em sala de aula, pela necessidade de constatar os desafios encontrados por alunos e professores no ensino

de língua portuguesa. Desenvolvida de forma assistemática, ou seja, consolidada em experiência casual, sem planejamentos técnicos, no segundo semestre de 2021, mais especificamente, período de 01 a 29.09.2021, no Colégio Santa Madre, *locus* da pesquisa, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II, constituída por 38 alunos vivenciando o ensino híbrido devido ao surto pandêmico da COVID-19 e, portanto, distribuídos em dois grupos.

Nas aulas observadas, constatou-se que os assuntos desenvolvidos foram abordados de forma interativa, dinâmica, alçando o conhecimento prévio dos alunos acerca do assunto, aproveitando que o assunto e o recurso utilizados faziam parte do entretenimento diário de muitos, sem entrar nas áreas de conceitos e definições, modo de ensinar correspondendo às necessidades dos alunos, permeado pela preocupação em ter o aluno como protagonista da sala de aula.

A unidade escolar é dotada de aparato tecnológico à disposição, foram utilizados recursos como *datashow*, slides, bem como uma coletânea de textos, na verdade, o uso das novas tecnologias digitais, em sala, foi uma constante, resultando em contribuições significativas para o aprendizado dos alunos. Assim, para apreensão do conteúdo do texto, a professora proporcionou aos alunos a liberdade de conhecer o texto não somente com o olhar técnico, mas, principalmente, o subjetivo. No desenvolvimento dos aspectos estruturais da língua foi considerada a variação linguística, em seu conceito restrito, para explicar o uso de determinadas palavras nos textos.

Ao finalizar a etapa de observação, foi possível identificar a relação dialética entre língua/linguagem/literatura na práxis pedagógica da docente, resultando em um trabalho pragmático, no qual, o principal interesse incide no desenvolvimento de leitores e escreventes “íntimos” de sua língua materna. A experiência adquirida, no período da observação, foi significativa, uma vez que foi possível confirmar que, independentemente, das dificuldades encontradas, a competência do professor em realizar um trabalho ímpar dentro de sala, com a contribuição do uso de recursos tecnológicos para a efetivação de um ensino eficaz e pragmático, a adequação da metodologia, o alinhamento a uma proposta da contextualização, bem como, ao cuidado em não dissociar língua, linguagem e literatura.

Vale ressaltar que também, foi possível identificar a facilidade com que os educandos manejavam os equipamentos de informática, dados serem eles nativos digitais ou geração Z. Tal fato observado, além de indicar que as aulas tradicionais não provocariam a atenção dos alunos e sim, a forma como os conteúdos estavam

sendo ministrados, suscitou o interesse de elaborar uma estratégia que atraísse a atenção e interesse dos alunos, surgindo então a ideia de planejar aulas, com o apoio de vídeos, mesclando informações veiculadas por eles, realização de pesquisas via o uso de celulares, exposições feitas pelos alunos, complementadas com informações dadas pelo professor e a possibilidade de um “ir e vir” constante aos vídeos, quantas vezes fossem possíveis.

É importante deixar registrado que o termo “Nativos Digitais” ou “Geração Z” foi criado por sociólogos e publicitários a partir de um concurso online do jornal USA Today que propunha nomes para a geração que sucederia aos Millennials. Surgiu, assim, o termo Geração Z, que ganhou força ao longo dos anos seguintes, principalmente depois de uma apresentação desenvolvida e difundida pela Sparks&Honey.²⁴ de ago. de 2016 e passou a denominar pessoas nascidas a partir da segunda metade da década de 1990. Os nativos digitais, de acordo com alguns especialistas, seriam totalmente familiarizados com as últimas tecnologias digitais e sem dificuldades para lidar com as novidades tecnológicas que surgem a todo momento. O “Z” vem de “zapear” que significa usar o controle da televisão para trocar rapidamente os canais, à procura de algo interessante de ver e ouvir. “Zap”, em inglês, significa “fazer algo muito rapidamente”.

4.2. PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DO PRODUTO

Aproveitando o momento da fase da observação, foi aplicado um questionário aos alunos e outro ao monitor da turma, com o intuito de adquirir informações precisas acerca dos sujeitos da pesquisa, especificamente, sobre os seus conhecimentos acerca da língua. Esses instrumentos foram escolhidos, com base na afirmação de Fernandez (2000) de que, por meio dele, são alcançados resultados bem próximos do pretendido. Os questionários foram elaborados nos dias 6, 7 e 8 de agosto de 2021 na plataforma *Google Forms*, com 20 questões: 10 destinadas aos alunos e 10 ao monitor, sendo que, para os alunos, 4 das 10 questões tinham caráter analítico-discursivo e as 6 restantes, de múltipla escolha; para o monitor, 6 questões analítico-discursivas; 2 para responder “sim” ou “não” justificando a resposta e 2 de múltipla escolha.

Antes da aplicação, foi explicado aos alunos da turma que iriam participar, direta e indiretamente, de uma pesquisa sobre a importância do ensino e a resignificação da língua portuguesa nas escolas e solicitada a colaboração de todos em prol de um melhor desenvolvimento do estudo proposto, deixando claro que não

havia obrigatoriedade quanto à participação deles, mas a turma foi receptiva, tanto que a maioria se dispôs a colaborar. A professora da classe cedeu um espaço de suas aulas para a aplicação do questionário, que foi realizada nos dias 13 e 14 de outubro de 2021, no período normal de aula.

A análise dos dados obtidos por meio da aplicação do questionário aos alunos teve como propósito a abstração de informações indispensáveis para a concretização do objetivo pretendido. A emissão das respostas induz a muitas conclusões, dentre as quais, destacam-se: o crédito dado à importância de aprender gramática nas aulas de Língua Portuguesa, talvez, com base no fato de ela “guardar” a normatividade da língua e na orientação da escola permeada pela consideração de que o principal objeto de estudo nas aulas é o texto e seus aspectos intra e extralinguísticos; a dificuldade dos alunos em distinguir a função dos conteúdos acerca da língua, para eles, todos são desenvolvidos para demonstrar a importância do texto oral e escrito; a aceitação dos procedimentos metodológicos apoiados pelos recursos tecnológicos, os quais, segundo a visão deles transforma, o contexto situacional transforma-se em dinâmico, atraente, interessante, interativo, contribuidor do aprendizado.

O monitor enunciou que, no período de acompanhamento do trabalho docente, observou que a professora mantém o cuidado em atender a todos da mesma forma e demonstra “querer”, da melhor maneira possível, exercer suas funções. As respostas resultantes da aplicação do questionário ao monitor, após serem analisadas, cimentaram as conclusões: propostas de ensino que ensejam um contato maior do aluno com a prática e colaboram para que o ensino seja apreendido e efetivado; a existência da necessidade em trabalhar com propostas que rebatam o questionamento “Por que estudar português?”, pois o ensino de LP caminha para uma visão mais pragmática, tão logo ameniza, gradativamente, tais dúvidas; a observância do alunado fazerem parte do grupo de nativos digitais; a importância do uso de recursos tecnológicos no atual contexto educativo, tanto para os docentes quanto para os alunos; a necessidade da escola acompanhar os avanços tecnológicos.

Para Antunes (2007), as novas formas de ensinar português precisam romper com o estereótipo de que o ensino se resume à gramática, no entanto, não pode disseminar o discurso de que a gramática deve perder seu espaço, pelo contrário, a ideia é mostrar que a gramática é indispensável, mas não é só ela que configura a Língua Portuguesa. O resultado da análise das respostas fomentou a construção de um produto educacional consolidado em vídeos educativos, com foco na ressignificação dos saberes linguísticos no contexto educativo. A ideia foi a de

construir vídeos com informações trazidas sobre o entendimento dos alunos e a complementação feita pelo docente acerca de assuntos referentes à Língua Portuguesa e seus vieses, não mais amarrados tão somente no que o professor quer ensinar, mas, principalmente, no que o aluno quer aprender.

Mas, antes da construção propriamente dita do produto educacional, dois vídeos foram apresentados aos alunos, a título de experimentação, sobre a aceitação do alunado sobre o uso de recursos tecnológicos em sala de aula. Os vídeos foram construídos com a intenção de que eles percebessem a diferença entre o texto falado e o texto escrito, bem como as estratégias linguísticas utilizadas tanto na fala quanto na escrita. Essa intenção foi ampliada, no sentido de instigar a curiosidade e análise dos educandos sobre o entendimento do promovido por uma leitura diagnóstica, isto é, o que cada individualidade aplica na leitura do recurso, pois ela traz o sentido e a recepção linguística de determinados textos em diferentes gêneros, o que é substancial para melhor compreensão dos fenômenos da língua.

O primeiro vídeo apresentado constava de um sujeito narrando uma história por meio da leitura de um texto escrito em um livro e o segundo, com outro sujeito apresentando a resenha oral desse texto, sem contato com nenhuma produção escrita, constando apenas de uma exposição das ideias principais. Após a amostragem de mídias (vídeos), os alunos fizeram observações acerca do conteúdo daquela ferramenta tecnológica, no referente à organização e monitoramento do uso da língua quanto à apresentação das temáticas.

No terceiro momento, a turma foi dividida em grupos para a elaboração textual, um grupo ficou responsável pela leitura e o outro pela exposição oral a respeito das ideias centrais do texto em estudo. É válido considerar que houve a troca de atividades, ou seja, o grupo que antes era responsável somente pela leitura ficou responsável pela exposição.

A próxima etapa incidiu na construção do primeiro vídeo que faria parte do produto educacional, fundamentada na ideia de proporcionar aos ouvintes a mesma reflexão feita, inicialmente, em sala sobre as diferenças presentes no texto oral e escrito, assim, o vídeo teve como abordagem uma discussão acerca da língua e seus diferentes usos.

Desse modo, o primeiro vídeo começou a ser construído a partir do texto “O Homem Nu” de Fernando Sabino (Anexo A), propiciando a leitura do texto escrito e a elaboração de uma resenha oral, atividades a serem executadas por professores. A partir disso, surge a solicitação aos educandos para a apresentação das diferenças

na linguagem utilizada na leitura e na resenha oral do texto em questão, havendo, após a sessão do vídeo, a complementação a ser feita pelo professor, sobre as informações que serão dadas por eles. Assim, surgiu o primeiro vídeo sobre Modalidade escrita e Modalidade Oral.

Da mesma forma e usando o mesmo texto, surgiu o segundo vídeo sobre Norma e Variação linguística, o terceiro, sobre Literatura, a partir da pergunta “O que significa Kafka?”, a ser induzida pelo professor e respondida pelos alunos. Vale ressaltar que a palavra “Kafka” é presente no texto de Fernando Sabino e, desse modo, surgiu o quarto vídeo sobre “Gêneros e tipologias textuais”

É válido ressaltar que a equipe de Tecnologia da Informação (TI) da escola, constituiu-se como suporte, auxiliando com o manuseio das ferramentas e ações necessárias (câmera, som, microfone e edição), subsidiando assim, a criação dos vídeos. Tal ajuda foi fundamental para que o produto a ser produzido tivesse a eficácia e qualidade desejadas

4.3. APLICAÇÃO DO PRODUTO

Antes da aplicação do produto, foi observado que a turma, em sua maioria, apresentava uma pré-disposição aos estudos, o que a tornava produtiva e exitosa em seus resultados, embora, o surgimento de dificuldades fosse inevitável; que uma parte significativa participava das aulas com interesse e responsabilidade em cumprir os compromissos escolares, havendo bem poucos, ainda não adaptados ao ensino remoto.

O Processo de aplicação do produto realizado em sala de aula mostrou-se relevante, pois os alunos participaram efetivamente das aulas e receberam os vídeos e as atividades propostas em seus celulares via Whatzapp, tornando as aulas diferentes e dinâmicas, haja vista que os 6 vídeos e as atividades poderiam ser acessados quantas vezes quisessem. Assim foram aplicados os vídeos sobre Oralidade e Escrita, aproveitando os vídeos que foram criados a título de experiência; Norma e Variação linguística, a partir da pergunta feita pelos alunos “Por que há tanta diferença entre a forma que a gente escreve e a forma como a gente fala?”, para deixar claro que, pensando na língua como uma instância que está em constante movimento, a **norma culta** é, pois, o padrão a ser seguido, ou seja, a principal **variação linguística**.

Nesse ínterim, por ser a **variação** estudada na escola, a **norma** padrão é a que estabelece uma sintonia maior entre os interlocutores, enquanto a **variação**

linguística é a diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe).

O vídeo sobre Literatura foi criado a partir da pergunta “O que significa Kafka?”, a ser induzida pelo professor e respondida pelos alunos. Vale ressaltar que a palavra “Kafka” é presente no texto de Fernando Sabino e, desse modo, falou-se acerca de Kafka, de sua obra, com especial referência à *Metamorfose*, dizendo o quão importante é esse autor para a Literatura.

Na sequência, os alunos pesquisaram sobre o que é literatura e constataram que “O Homem Nu” de Fernando Sabino também é literatura e o mais importante: que o texto é um conto, tanto quanto “A *Metamorfose*”; surgiu, assim, o quarto vídeo sobre “Gêneros Textuais”, explicando o significado da expressão, exemplificando com gêneros do cotidiano dos alunos até chegar no gênero Conto.

Na aplicação dos vídeos, os alunos envolvidos perceberam o quanto cada conteúdo do texto apresenta uma perspectiva de sentido fundamentada em sua realidade social e pragmática. Portanto, no decorrer da aplicação de tal recurso foram abordadas, também, as relações de diferença entre os discursos falado e escrito, porque sabemos que a língua apresenta suas variantes e seus dialetos, além, é claro, de promover uma interação entre o social e o padrão linguístico. Assim, a proposta levou para a sala de aula o contato maior com as mídias, mas também desvendou a maturação na ordem do texto oral e escrito, uma vez que eles perceberam o quanto a língua é dinâmica, social e perceptiva. Dessa forma, os resultados serviram de base para a construção de um novo olhar pragmático da língua em suas vertentes, nuances e recepções.

No momento da aplicação de cada um dos 6 vídeos, contando com os dois aplicados a título de experimentação, foi observado que a leitura e a escrita eram como processos ativados desde a infância, nos alunos, fato ratificado pela desenvoltura em sala de aula e nos trabalhos propostos. Em relação ao trabalho com gêneros textuais, foi perceptível a criatividade leitora dos sujeitos, a cada produção feita em sala, bem como, o interesse pela leitura, auxiliando o campo da compreensão e interpretação.

Na verdade, os alunos demonstraram que ao serem instigados são desafiados a ler e socializar sobre qualquer assunto. Já na modalidade escrita, os alunos apresentaram as dificuldades esperadas, quanto à gramática normativa, situação resultante da subdivisão feita pela escola no tocante à área da linguagem, ou seja,

professor de redação trabalha os gêneros textuais com o intuito de desenvolver a leitura (compreensão e interpretação), bem como aprimorar a produção textual; o professor de língua portuguesa é responsável pela estrutura da língua e o professor de Literatura só aparecerá para os alunos no Ensino Médio.

Essa divisão recai também sobre o uso do livro didático da turma, tanto que, tudo o que diz respeito à estrutura linguística (gramática normativa) é competência do professor de língua portuguesa, apesar de esse trabalho refletir, inevitavelmente, no professor de redação. Essa dissociação evidencia um sistema de ensino fragmentado que, ainda, persiste na sala de aula, seja do ensino público ou do privado. Dessa forma, a escolha do vídeo educativo foi fundamental para a desconstrução, gradativa, de um ensino de língua obsoleto e questionável.

É válido lembrar que o professor e o monitor da turma estiveram por trás dos “bastidores” e os alunos foram os protagonistas do processo, os quais propuseram a criação de um canal na plataforma *on-line youtube* para a divulgação dos vídeos, enquanto ferramenta de intermédio para a associação da língua em seus aspectos gramaticais, sociolinguísticos, literário, estilístico e semântico, uma vez que desfrutar de análises de *corpus* (texto) é fundamental que tais elementos não devem ser observados de forma dicotômica, mas, sobretudo, como um conjunto de fatores indissociáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, a temática discorrida neste artigo inclinou-se em defender um ensino contemporâneo da língua com o intuito de planejar, construir e aplicar o produto (vídeo educativo), a fim de estimular o aluno a compreender os processos linguísticos, epilinguísticos e metalinguísticos sob um viés tecnológico e pragmático. Dessa forma, foram utilizados, como instrumentos da pesquisa, o processo de observação direta participante, bem como, a aplicação de um questionário para análise e coleta de dados. A partir dos resultados obtidos pelos instrumentos, foram construídos dois vídeos com a finalidade, de saber, de forma concreta, se faria diferença ao processo ensino e aprendizagem, o uso de recursos tecnológicos em sala de aula. Tais vídeos focaram o desenvolvimento da modalidade escrita da língua, bem como, a construção dos conteúdos que serão apresentados no produto (vídeo).

A partir dos dados coletados e do produto aplicado, foi possível destacar a importância de um ensino de língua atrelado às habilidades e competências inerentes ao sujeito do hoje, sendo esse nativo digital. Para tanto, a ideia em ressignificar partiu,

justamente, desse propósito, ou seja, introduzir os estudos linguísticos de maneira que o aluno se afaste, cada vez mais, de questionamentos do tipo: para que estudar português?

As expectativas que giraram em torno do projeto foram, em grande parte, atingidas, uma vez que a própria instituição dispõe dos recursos necessários para “abraçar” tais projetos. É válido afirmar a existência de uma notável discrepância entre o ensino público e o privado, tendo em vista que o último é o espaço de maior capacidade para atender tais demandas, dessa forma, pelo *lôcus* da pesquisa se tratar de uma escola de rede privada de ensino, a proposta feita pela professora foi executada com êxito não só pelo planejamento e organização, mas também pelo que a instituição ofereceu.

Vale também dizer que projeto consolidado nos vídeos e nas tarefas propostas foi utilizado por professores do *locus* e de outras escolas, os quais fizeram ligeiras modificações em decorrência de suas disciplinas e o nível das turmas que regiam e gravaram depoimentos em vídeos sobre o aceite das aulas, com mais prazer, por se sentirem participantes do processo.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo. Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo. Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino; 5).

ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada: limpando o ‘pó das ideias simples’**. – 1. Ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014. (Estratégias de ensino; 49).

BECHARA, Evaristo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. ver. E ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BECHARA, Evaristo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A língua portuguesa no Brasil; Um modelo para análise sociolinguística do português brasileiro. In: **Nós cheguemos na escola, e agora? Sociolinguística e Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAMPEIZ, Ana Flavia; DE OLIVEIRA, Wanderlei Abadio; FONSECA, Luciana Mara Monti; DE ANDRADE, Luciane Sá; SILVA, Marta Angélica Iossi. A escola na perspectiva de adolescentes da geração Z. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 19, 2017.

FRANCH, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** Parábola Editorial, 2006;

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NEVES, Maria Helenade Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso da Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

NEVES, Maria Helenade Moura. **A gramática funcionalista**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Elementos para uma Epistemologia da Cultura Midiática**. *Cultura Midiática*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano I, N° 01, julho a dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/257528e9a620101009054935.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Ressignificação em contexto digital**. Marie-Anne-Paveau, Julia Lourenço Costa, Roberto Lieser Baronas. – Documento Eletrônico. – São Carlos. EdUFSCar, 2022.

PERINI, Mário. **Para uma nova gramática do Português**. São Paulo: Ática, 1995.

PERINI, Mário. **A Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2005.

SOUZA, Eliza Maria Pinheiro de, PENA, Waldinett Nascimento Torres. Novos Tempos: Novo Professor. In: **Formação docente: importância, estratégias e princípios** :volume 1 / org. Marcos Pereira dos Santos. — Curitiba: Bagai, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1969.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2004.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 10 ed – São Paulo: Cortez, 2005

